

SÃO PAULO: POVO, TERRA E TRABALHO

MATERIAL EDUCATIVO



acervo
Artístico-Cultural dos Palácios do
Governo do Estado de São Paulo

Casa Civil



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

Sumário

04

Apresentação São Paulo: Povo, Terra e Trabalho

07

Capítulo 1 Povo – Identidades Brasileiras

18

Atividade “Eu, você, Brasil”

24

Atividade “Tradições sobre papel”

31

Capítulo 2 Terra - Territórios

40

Atividade “Eu refúgio na cidade”

46

Atividade “Herbário: Natureza impressa”

52

Atividade “Crie seu personagem”

57

Capítulo 3 Trabalho e o necessário descanso

62

Atividade: “Operários do Século 21”

66

Atividade “Outras profissões”

70

Atividade “Stop”

72

Bibliografia

73

Créditos

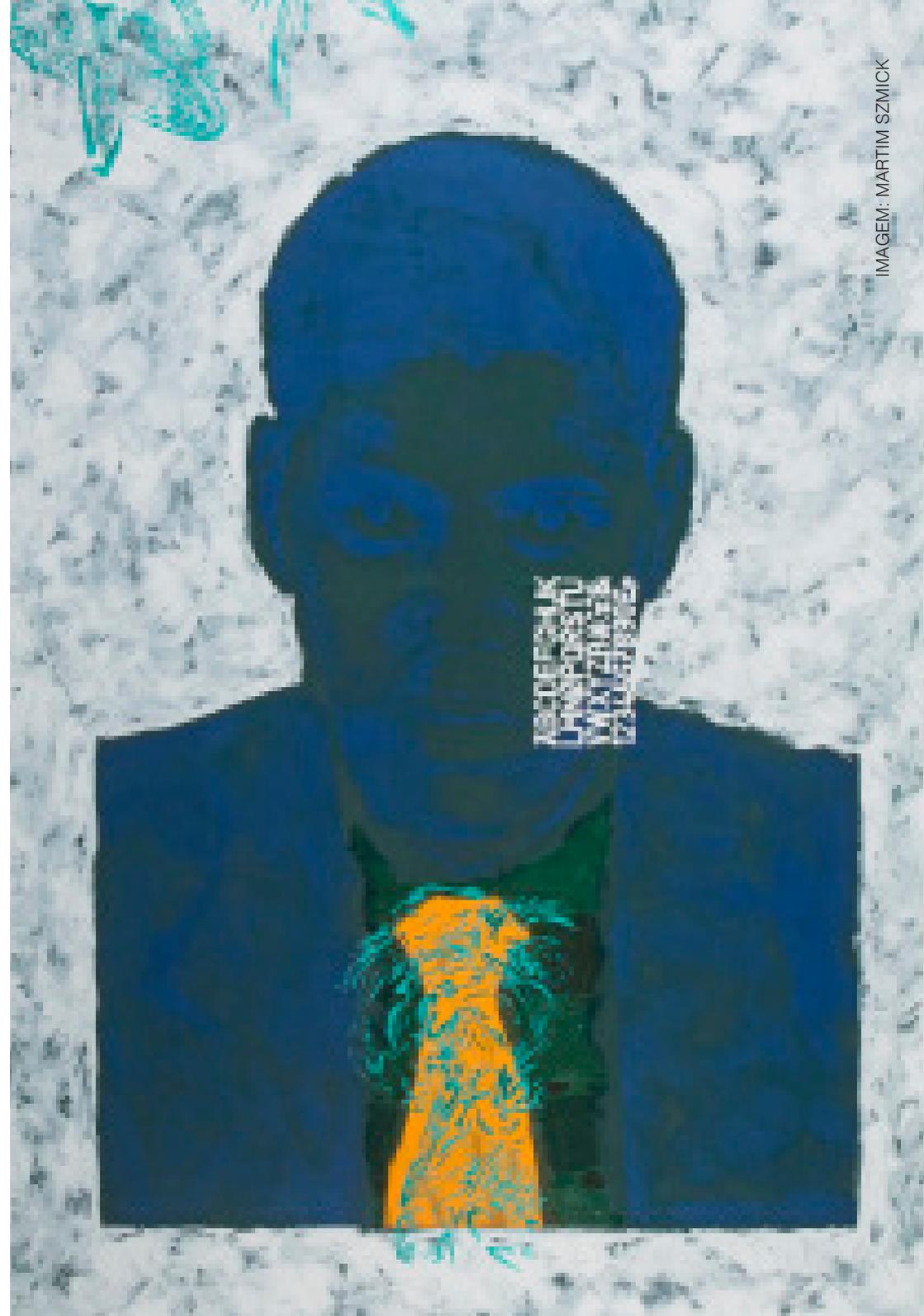
SÃO PAULO: POVO, TERRA TRABALHO

Este material educativo tem como objetivo servir como ponto de apoio e disparador de reflexões sobre a exposição “São Paulo: Povo, Terra e Trabalho”, por meio de textos, atividades e experiências pensadas especialmente para o público infanto-juvenil.

Nas próximas páginas os temas povo, terra e trabalho serão norteadores para a compreensão da exposição e das obras de arte expostas no Hall Nobre do Palácio dos Bandeirantes. Assim, parte da coleção do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo será apresentada com o objetivo de estimular nas crianças e jovens a (re)descoberta da arte brasileira e o conhecimento de sua história e de seus artistas, partindo para a reflexão sobre as diversas identidades brasileiras, sobre as diversas facetas do trabalho e do necessário descanso, além de inserir esses temas no território do Estado de São Paulo e do Brasil.

Aqui os jovens conhecerão obras de importantes artistas como Tarsila do Amaral, Alex Flemming, Djanira da Motta e Silva, Alfredo Volpi, Antonio Henrique Amaral, Emanuel Araújo entre outros, trazendo a diversidade não apenas nos temas, mas também nas origens desses artistas.

Se você visitou a nossa exposição ou está conhecendo esse material por meio do nosso site ou redes sociais, aproveitamos para convidar você a visitar o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual e residência oficial do governador na capital, e o Palácio Boa Vista, residência de inverno do governo e palácio-museu, em Campos do Jordão.



POVO IDENTIDADES BRASILEIRAS

Se procurarmos no dicionário o significado de “identidade” veremos múltiplas interpretações. Algumas explicações apresentadas no Dicionário Houaiss são: “conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa” e “situação em que dois seres apresentam a mesma essência”. Em diversos momentos da história do Brasil, surgiu entre os intelectuais a necessidade de refletir sobre a identidade brasileira para afinar entender que país é esse.

Nessa situação, a identidade do dicionário, que pensa nas características de um indivíduo em relação aos demais, passa a ser pensada em termos de todo um povo, ou seja, quais características diferenciam o brasileiro das demais pessoas no mundo todo? Será que somos mesmo tão diferentes? Ou ainda, será que temos elementos que nos unifiquem?

Essas questões se tornaram muito fortes principalmente a partir o estabelecimento das nações. No Brasil, ao voltarmos no tempo, alguns desse momentos de reflexão identitária se deram: quando o Marquês de Pombal foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (que era o Rei de Portugal no século XVIII), na Independência do Brasil em 1822, na Semana de Arte Moderna de 1922, durante o Período Militar entre 1964 e 1985, principalmente nos anos 1970, e nos dias atuais. Vamos conhecer alguns desses períodos e as ideias de identidade em cada um deles?

Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal foi representante do despotismo esclarecido em Portugal entre 1750-1777, alimentado pelas ideias do Iluminismo. Mas o que é isso? O despotismo é uma maneira de governar em que o rei tem poder absoluto e tem poder maior para tomar todas as decisões. Mas e o “esclarecido”? Significa que ele estava pautado na ciência, pelas ideias que estavam

acontecendo naquela época como o “Iluminismo”. O Iluminismo foi um movimento de valorização das ideias, da ciência, dos avanços conseguidos pelo homem em oposição às ideias mais religiosas, que diziam por exemplo que um rei só podia ser o rei porque Deus decidiu assim.

Então nessa época de muitas ideias racionais para pensar um bom governo, o Marquês de Pombal, que era um tipo de “braço direito” do rei, pensou ações para unificar o grande território que compunha a colônia mais importante de Portugal, que era o Brasil.

Essa medida foi tomada com o objetivo de criar uma ideia de nacionalidade para o povo pensar “somos brasileiros”. Na verdade, isso era até perigoso, pois os brasileiros poderiam querer se tornar independentes de Portugal, e assim Portugal perderia muito dinheiro e poder. A ideia era unir o território e seu povo, de forma a garantir um domínio mais forte de Portugal.

Então, ele elevou o Brasil a vice-reino de Portugal, aumentando sua importância, aboliu as capitanias hereditárias, aqueles pedaços de terra em que o Brasil tinha sido dividido, e que em cada pedaço apenas um senhor português era o dono. Assim o Estado passou a ser o dono de tudo. Ele nomeou o Rio de Janeiro como nova capital da colônia, em substituição a Salvador. Salvador tinha sido muito importante na época mais lucrativa da produção de açúcar no nordeste brasileiro. Por volta de 1695, quando o ouro foi descoberto na região do que hoje é Minas Gerais, a região Sudeste do Brasil ganhou importância econômica e era preciso que o Estado estivesse mais atuante nessa região, para controlar a extração e os impostos. Assim, em 1763, o Rio de Janeiro se tornou a nova capital do Brasil.

Um pouco antes disso, em 1759, Pombal expulsou os jesuítas do Brasil, pois eles dominavam muitos territórios, a religião e o ensino, o que dava a eles bastante poder. Dessa forma, Portugal reassumia o domínio nessas áreas. Essa medida também vinha de acordo com a Carta Régia de 12 de setembro de 1757, uma carta onde o rei oficializou o Português como língua nacional de Portugal e de todas as colônias.

Essa medida foi tomada porque no Brasil, para além das centenas de línguas indígenas, a “língua-geral” era largamente utilizada. O que era essa língua-geral? Era uma língua que misturava o português e o tupi, que foi criada e difundida pelos jesuítas para facilitar a comunicação de portugueses e diversos povos indígenas. Se Portugal não tivesse proibido o uso dessa língua e obrigado o ensino do português, hoje talvez ainda falássemos a língua-geral, que seria bem “brasileira”, pois representaria essa mistura de culturas e tradições. Mas o objetivo era outro, era apagar o fator indígena e manter apenas o português. Ao abolir o uso dessa e de todas as outras línguas o objetivo era unificar o povo e o território, criando um fator de identidade.

Sessenta e cinco anos mais tarde, em 1822, D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil. Portugal só reconheceu o fato em 1825, através do Tratado de Paz e Aliança. As negociações para esse reconhecimento por parte de Portugal exigiram que o Brasil pagasse à antiga metrópole uma indenização dois milhões de libras, criando uma enorme dívida. O Brasil não possuía essa soma e ela foi emprestada da Inglaterra e, portanto, ficamos com uma dívida internacional. As mudanças não foram assim tão drásticas num primeiro momento. A independência, tendo sido articulada com a figura de D. Pedro I, que era o filho do rei de Portugal, D. João VI, manteve no Brasil o regime monárquico (o chefe de estado é um rei e o poder passa de pai para filho), e a dinastia de Bragança continuava a reinar (a família de D. João VI). Outros elementos mantidos foram: a unidade territorial, a economia agrária de exportação e a escravidão de origem africana.

Essa unidade territorial e política foi bastante ameaçada durante o império brasileiro, com diversas revoltas, inclusive separatistas. Diversas localidades e regiões, descontentes com as medidas de governo e o regime monárquico se rebelaram e algumas tentaram se separar. Algumas dessas revoltas foram a Cabanagem na província o Grão-Pará, a Balaiada no Maranhão, a Sabinada e a Revolta dos Malês na Bahia, a Revolta dos Farrapos, entre outras. Neste momento, o Estado entendeu que para manter uma identidade era preciso que o Estado fosse forte e unificador. A força para garantir a unidade foi a repressão militar a esses eventos de forma a manter a ordem necessária para preservar a economia escravista e latifundiária. Ou seja, era preciso tudo estar em paz, o território todo unido para que a produção não caísse e a economia continuasse lucrando.

Para além da integridade territorial, foram feitos esforços para a criação de uma identidade ideológica, era preciso criar um projeto de nação. Agora era preciso pensar “que país é esse”?

Para isso, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838, pois políticos e intelectuais desejavam que houvesse pesquisas mais abrangentes sobre as riquezas do país, as culturais e as materiais, relacionadas à natureza e à geografia. Tanto as conhecidas como as que porventura ainda não tivessem sido descobertas.

Ainda no período monárquico, no campo das ideias, surgiu na literatura e nas artes plásticas o Romantismo, movimento que buscava criar uma ideia de nação utilizando tanto a geografia, com suas exuberantes paisagens naturais, como a ideia de unidade do povo brasileiro. Mas isso seria feito com a construção de um passado transformado em mito, retratando a origem indígena de boa parte da população de forma deslocada para um passado distante e idealizado, totalmente apartado das populações indígenas contemporâneas àquele momento e suas realidades e lutas.

Obras características desse período foram os romances de José de Alencar como *Iracema* e *Ubirajara*, que tinham o intuito de ligar a imagem da nação brasileira às suas belezas naturais e à mitificação do indígena, como uma figura inocente, pura, plena de instintos e que de maneira alguma abordava as diferenças entre as diversas etnias, suas culturas, seu pensamento racional, suas formas de viver e atuar no mundo. Nas artes plásticas, podemos citar pinturas que valorizavam as questões territoriais, como “Grande Cascata da Tijuca” de Manuel Araújo Porto-Alegre, que tinham esse objetivo de retratar o Brasil e suas belezas naturais. Outras pinturas valorizavam o estado e as questões políticas, como o famosíssimo “Independência ou Morte” de Pedro Américo, que enaltece a monarquia e a figura do imperador, para engrandecer a ideia de estado forte.

Nas questões do povo representado pelos artistas românticos, podemos citar a pintura “Moema” de Victor Meirelles, que representa a índia tupinambá Moema, que morre afogada ao tentar alcançar o seu amor, o naufrago português Diogo Álvares, o Caramuru. Será que todas as mulheres indígenas são assim? Outra obra importante é o “Caipira picando fumo” de Almeida Júnior, que busca a representação de um brasileiro “típico” do campo, um homem mestiço de feições rudes picando fumo, em frente a uma casa de taipa. Será que todos os homens do interior do Brasil são exatamente assim?

Com a Proclamação da República, surgiram movimentos regionais que tiveram sua influência para a formação da nacionalidade. Em 1922, o Brasil comemorava o Centenário da Independência, e intelectuais de todas as áreas buscavam repensar as identidades desse país tão múltiplo. Em São Paulo, dois acontecimentos marcavam época: a inauguração da exposição histórica do Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga e a Semana de Arte Moderna. No Museu Paulista, a intenção de representar a história de um Brasil paulista e construir um passado heroico

mostrou-se na criação da figura mítica e parcial do Bandeirante como um grande desbravador, deixando de lado atos de violência. Ao mesmo tempo valorizou temas históricos passados em São Paulo, como as pinturas “Inundação da Várzea do Carmo” de Benedito Calixto, que mostra como São Paulo estava bastante desenvolvida em termos de produção, principalmente cafeeira, comércio, transporte e serviços e a “Fundação de São Vicente”, que enfatiza um ato fundacional do Brasil na primeira vila em São Paulo e não na chegada de Pedro Álvares Cabral em Salvador.

No mesmo ano do centenário, em 1922, aconteceu a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal. A elite intelectual da época, influenciada pelas vanguardas artísticas europeias, buscava romper com o academicismo (estilo que fazia com que as obras de arte fossem representações bastante próximas do real), inovando na técnica para criar obras de arte mais livres dessas regras, mas também buscando referências históricas para pensar esse novo e múltiplo Brasil. Assim, artistas e escritores buscaram valorizar a cultura indígena, a população negra, resgatando tradições folclóricas e também religiosas do passado barroco.

Tornou-se importante estudar o passado do Brasil, encontrar na história referências que mostrassem a originalidade do país, o que havia de único e especial que pudesse ser mostrado para o mundo e que pudesse ser entendido e vangloriado por nós mesmos como fator de orgulho e autorreconhecimento. Afinal, quem somos nós?

Nesse bojo, o escritor Mario de Andrade, empreendeu diversas pesquisas e sua produção literária se esforçou para buscar histórias locais, do interior do Brasil, da Amazônia, e esforçou-se também para trazer construções linguísticas indígenas e outras bem brasileiras para escrever seus livros. Tarsila do Amaral se debruçou sobre as paisagens tipicamente brasileiras, coloridas, tropicais, além de desejar representar o folclore nativo. Di Cavalcanti desejou representar a população negra, em seu trabalho, cotidiano, festas, além de mostrar as comunidades do Rio de Janeiro, temas que até então não eram valorizados. Vicente do Rego Monteiro estudou longamente os povos indígenas marajoara e sua produção cerâmica, inspirando-se fortemente em seus traços e seus temas e histórias. Esses são alguns dos muitos artistas que pesquisaram e produziram nesse período obras de cunho nacionalista.

A identidade nacional nesse começo do século XX também passava pela chegada de imigrantes vindos de diversas partes do mundo. A abolição da escravidão fomentou essas grandes levadas migratórias. Com o estímulo à imigração europeia, em 1893, 54% dos habitantes de São Paulo eram estrangeiros. Os principais povos que vieram a São Paulo nesta época foram os portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, sírio-libaneses, judeus, armênios e húngaros.

As discussões identitárias também passavam por essa questão. Na obra “Operários”, de Tarsila do Amaral, já de 1933, a presença de migrantes e imigrantes vindos para São Paulo para trabalhar nas fábricas é representada pela diversidade de rostos e etnias na pintura.

Durante o Período Militar, de 1964 a 1985, a ideia de nação forte volta à discussão, muito colocada em nível político também. Fazer propaganda de um grande Estado, orgulhoso de suas conquistas, forte e integrado, era um dos objetivos políticos de então. Ideias como o crescimento econômico, o trabalho árduo e a cultura local deviam estar em voga. É uma época em que a seleção brasileira de futebol tem grande incentivo e a vitória na Copa de 1970 tornou-se um grande acontecimento de valorização da identidade. Artistas e obras de arte que mostravam os trabalhadores em sua labuta entraram para o panteão nacional. Portinari vai alcançar grande sucesso com seus musculosos carregadores de café e artistas do modernismo, que valorizavam o tema nacional, também voltam à baila como Tarsila do Amaral, Volpi, entre outros.

Hoje, a discussão se atualiza. Não basta representar todos esses povos constituintes da população brasileira, mas é preciso garantir seu lugar de fala, inclusão no debate, seu protagonismo, pensamento, produção e arte. Então, agora não é mais suficiente representar a população negra ou indígena, é preciso que essas populações sejam elas mesmas protagonistas e porta-vozes de suas próprias histórias, sejam eles mesmos os artistas, cientistas e pensadores e tenham seu lugar igualitário na sociedade.

As imigrações também não estagnaram no começo no século XX, elas continuaram e têm se intensificado no século XXI. Considerando o período que vai da década de 1990 até os dias de hoje há um grande fluxo de entrada no Brasil de latino-americanos como argentinos, paraguaios, bolivianos e colombianos; africanos, como angolanos, nigerianos, senegaleses, ganeses, entre outros, além de chineses, haitianos e refugiados de diversas regiões como Síria, Afeganistão e Venezuela.

A partir desses novos horizontes e pontos de vista, qual a identidade do brasileiro de hoje? Pensar uma identidade única é o caminho a se seguir ou devemos pensar em múltiplas identidades? Afinal de contas, existe uma única identidade para os 203 milhões de habitantes que existem no Brasil hoje? Será que todos gostam, de feijoada, futebol e samba? E os 44 milhões de paulistas? Todos adoram cuscuz paulista e trabalham em multinacionais?

A exposição do Palácio dos Bandeirantes se chama “São Paulo: povo, terra e trabalho”. Somos um só povo, mas formado por inúmeros povos, identidades, crenças, religiões e ideias. A reflexão necessária é sobre como conviver em harmonia, com paz, democracia e justiça social. Como fazer com que todos estejam presentes, fortes e atuantes?



Alex Flemming
São Paulo/SP, 1954
Casal brasileiro, 2000
Acrílica e serigrafia
sobre tela

A obra que irradia as discussões sobre identidade na exposição é o “Casal brasileiro”, de Alex Flemming. Alex é um artista contemporâneo brasileiro, que reside atualmente na Alemanha. Ele trabalha com diversos suportes numa produção que se

aproxima de uma análise autobiográfica, ou seja, de busca por uma autorreflexão e um autoconhecimento. Todo processo de conhecimento de si passa também pelo reconhecimento do outro. O que tem em mim que é igual ao outro? O que tem em mim que é diferente do outro?

Com essas perguntas, vamos construindo quem somos nós. Para criar suas obras de arte, Alex usa muitas vezes imagens fotográficas que ele transforma em serigrafia. A Serigrafia é uma técnica de impressão onde a tinta é colocada em um tipo de caixa cujo fundo é uma tela de tecido de seda ou de náilon com umas regiões permeáveis e outras impermeáveis formando um desenho. De maneira bem resumida, essa caixa é colocada sobre uma tela e, um produto sensível à luz é aplicado sobre a tela, que entra na parte permeável de modo a formar o desenho. Depois de reproduzir essas imagens fotográficas usando a técnica da serigrafia, ele faz interferências, desenhando, escrevendo e pintando por cima delas.

Em 1998, ele produziu imagens sobre as paredes de vidro da Estação Sumaré do Metrô de São Paulo. Nesses painéis, ele imprimiu trechos de poemas de autores brasileiros em cima das imagens de pessoas comuns, que ele fotografa por suas andanças. Com uma ideia parecida, ele produziu o “Casal Brasileiro”, que é um díptico, ou seja, uma obra com uma ideia única, mas que é dividida em duas partes. Nessa obra, um homem e uma mulher aparecem lado a lado, representados pelas cores da bandeira nacional: verde, amarelo, azul e branco.

De acordo com o ângulo que você olha para essa obra e de acordo com a incidência da luz que é direcionada para ela, em um momento são dois rostos anônimos em que não conseguimos distinguir suas fisionomias. O que vemos são números, letras, impressões digitais, essa série de códigos que são usados burocraticamente para revelar quem somos. Em que casos você é conjunto de letras? Você tem nome e sobrenome, não é mesmo? Mesmo que o seu nome seja igual ao de muitos colegas, a quantidade de sobrenomes pode ajudar você a ser único. Em algumas

situações você é um número ou um conjunto deles? Desde o seu número de chamada na escola, até o seu RG, seu peso, sua idade, ou quando perguntam no mercado se você quer o seu CPF na nota, os números teimam em tentar nos definir. E por falar em RG, essa obra não te lembra esse famoso documento: uma fotografia sua de frente, com seu “melhor” rosto de todos os tempos, uma digital, letras e números? Pois é, essa foi uma das inspirações do artista para criar essa obra. Agora mudando o ângulo de visão, de repente a obra muda completamente, de manchas

que mal conseguíamos distinguir as linhas, agora é possível ver todos os detalhes dos rostos, sua fisionomia, se estão sérios ou sorridentes e qual sua etnia. É possível ver que o artista escolheu um homem negro e uma mulher branca para representar o que seria o “casal brasileiro”. Mas, como vimos no texto de identidades, deve ter sido muito difícil para o Alex Flemming escolher essas duas pessoas em especial. Poderiam ter sido centenas de outras pessoas e combinações, afinal de contas, o Brasil é tão múltiplo que não dá para imaginar

que o brasileiro ou a brasileira tenham um único tipo de rosto, não é mesmo? Pense bastante sobre essa obra, você acha que na sua vida você passa mais tempo como anônimo, um grupo de números e letras ou passa mais tempo com uma identidade muito específica e delineada? Tente imaginar quais momentos são esses. Para o governo do estado você é um número ou uma personalidade? E na sua escola? E com seus familiares e amigos?

Que tal criar sua própria versão dessa obra?



Freepick

Prepare o clique do seu celular e tire um autorretrato seu. Ah é, hoje em dia chamamos isso de “selfie”.

Imagine que tipo de pose você deveria fazer para ser mais você mesmo. Você é mais sério ou mais risonho? Mais bravo ou mais brincalhão? Encontre algum lugar para imprimir essa selfie em preto e branco num papel A3 (aquele grandão). Depois disso pense no que você vai escrever ou desenhar por cima da sua foto, assim como o Alex Flemming fez. Você acha que alguma frase ou letra de música te representa? Que números te definem? Ou você não

os deixa te definirem? Use canetinhas coloridas, ou marcadores para fazer essas intervenções na sua fotografia. Se você preferir pode fazer uma obra sobre si mesmo e uma obra sobre outra pessoa que você escolher. Será que é mais difícil pensar tudo isso da gente mesmo ou do outro? Você sabe definir outra pessoa só com palavras, músicas e números?

Faça esse exercício e depois emoldure sua arte! Ou ainda você pode fotografar, postar nas suas redes e sociais e nos marcar no @acervodospalacios, sua obra de arte pode aparecer nas nossas redes também!



Aislan Pankararu (Petrolândia/PE, 1990)
Sensação de existência, 2024
 Acrílica e argila sobre tela de linho cru
 Coleção do artista

Aislan Pankararu é um artista plástico contemporâneo Pankararu, povo indígena brasileiro, do qual parte de sua população migrou no sertão pernambucano para São Paulo entre as décadas de 1940 e 1970. Trabalhando na construção civil, seus membros, que fixaram habitação principalmente na comunidade do Real Parque, na Zona Sul de São Paulo, foram responsáveis pela construção do Parque Ibirapuera, do Estádio do Morumbi e pelo próprio Palácio dos Bandeirantes, onde sua obra hoje está localizada. Aislan não participou desse movimento direto para São Paulo. De Petrolândia, mudou-se para Brasília, onde se formou em medicina. Em 2019, retomou a prática de desenho e pintura como autodidata e

decidiu se dedicar à carreira artística. Sua produção usa elementos pictóricos tradicionais da pintura corporal pankararu, onde o branco forma o desenho sobre o corpo. As formas dotadas de movimento e profusão de detalhes evoca a riqueza visual e simbólica dos Pankararu a fim de ressaltar a luta e resistência de seu povo.



Grupo de Pankararús em evento no Palácio dos Bandeirantes, 2024

Na obra “Sensação de existência” a sobreposição de formas circulares em múltiplos padrões também revela inspiração na estrutura celular do corpo. O microcosmo humano funde-se ao macrocosmo universal. Essa interpretação também nos permite pensar que, para além de todas as especificidades étnicas e culturais, a estrutura de todos os seres humanos é a mesma. O convite a Aislan Pankararu integrar a exposição “São Paulo: Povo, Terra e Trabalho” surge do desejo de reconhecer e valorizar a contribuição inestimável de todos os Pankararu que estiveram envolvidos na construção do Palácio dos Bandeirantes, bem como garantir a presença de sua cultura e de toda população indígena em espaços culturais, públicos e de poder.



Os Praiás são ventimentas sagradas para o povo Pankararu

Para construir sua obra, Aislan se inspirou em uma grande tradição do seu povo, a pintura corporal feita na cor branca. Agora nós poderemos nos inspirar na sua produção para pensar em nossas próprias tradições familiares.

Pegue uma folha de papel Kraft ou pardo e uma caneta marcadora na cor branca e vamos pensar em símbolos! O que é um símbolo? É um desenho que significa um objeto, um animal, uma pessoa ou mesmo uma ideia que existe na vida real, mas que queremos explicar na forma de um grafismo, um desenho, um símbolo. Por exemplo, qual é o

símbolo do fogo? Uma chama vermelha. É algo que todos os seres humanos “convencionaram”, ou seja, criaram uma regra, uma convenção, de que para representar o fogo, usamos o desenho de uma chama. Aqui não precisamos usar apenas símbolos consagrados, convencionais, podemos criar nossos próprios símbolos.

Mas o que vamos fazer afinal? Pense nas suas tradições, nas tradições do seu grupo de amigos e nas tradições da sua família. O Aislan traz para suas obras, as suas próprias, como a pintura corporal do seu povo ou os estudos que ele

fez em medicina e ele usou isso para criar a sua obra. E você? Se de repente, sua família costuma tomar sorvete todo sábado na pracinha perto da sua casa, você pode criar um símbolo para isso, por exemplo, uma casquinha de sorvete com três bolas.

Então, pegue sua caneta e desenhe essa casquinha no papel Kraft. Você e seus amigos costumam se reunir virtualmente depois da aula para jogar videogame online, é uma tradição! Você pode desenhar um controle de Playstation bem do lado da casquinha de sorvete. Imagine quanto tempo

o Aislan demorou para desenhar todos esses desenhos! Talvez você também demore um pouco, mas durante esse tempo você terá bons momentos para pensar em todo o seu cotidiano e nas tradições que você e seus inventaram para suas vidas. acredite, vai ser divertido! E no final você vai ter um grande painel de identidade que vai contar bastante sobre quem você é!

Claro que esperamos que sua obra fique linda e você poste nas redes sociais marcando a nossa página que é: @acervodospalacios.

TERRA TERRITÓRIOS

No primeiro capítulo tratamos das identidades brasileiras e como o conceito mudou através dos tempos e se tornou tão múltiplo e colorido como o Brasil é hoje. Mas esse povo precisa morar em algum lugar, habitar um território, pertencer a uma terra e dela viver. É disso que trata esse capítulo e esse núcleo da exposição.

Falamos que em muitos momentos, a representação do território também foi um elemento de identidade nacional. Representar as belezas naturais e suas riquezas é um dos aspectos que fortalece a ideia de pertencimento de um povo.

O Brasil, como dizem, é um país de proporções continentais, e que perpassa tanto a área tropical quando a área subtropical do globo terrestre, acumulando diferentes climas, tipos de vegetação e paisagens, sejam elas mais densamente ocupadas pela população urbana ou que preservam mais suas características naturais.

Essa enorme variedade de paisagens serviu de inspiração para muitos artistas plásticos através dos séculos da história do Brasil, que retrataram essas diferenças em variados estilos de pintura, algo que é visível na exposição “São Paulo: Povo, Terra e Trabalho”.

Uma pequena linha do tempo mostra uma paisagem acadêmica em que Benedito Calixto representou o desmatamento da floresta de Perobeiras, uma árvore muito usada tanto para a feitura de móveis como para a construção dos dormentes para as estradas de ferro. A pintura de feitura lisa, mostra atenção aos detalhes e a busca verossimilhança (semelhança com o real) tão cara para os artistas acadêmicos.



Benedito Calixto
(Conceição de Itanhaém/SP, 1853 –
São Paulo/SP, 1927)
As perobeiras, 1906.
Óleo sobre tela



Anita Malfatti
(São Paulo/SP, 1889-1964)
A ventania, 1915
Óleo sobre tela

Depois, Anita Malfatti mostra as pinceladas de influência expressionista na obra “Ventania”. Apesar de não retratar uma paisagem brasileira e sim a ilha de Monhegan, nos Estados Unidos, o estilo de Anita foi precursor do movimento modernista em São Paulo, inspirando outras artistas.

Aldo Bonadei, integrante do Grupo Santa Helena - agremiação de artistas que se reunia para pintar no antigo palacete de mesmo nome, demolido para a construção da Estação da Sé do metrô de São Paulo - representou em “Paisagem com Casas” um casarão onde revelou influências das vanguardas modernas, como o cubismo e a geometrização da forma. Notem como toda a composição faz com que as casas pareçam brotar das formas geométricas.

Os artistas do Grupo Santa Helena tinham a paisagem da cidade como tema caro, e suas pinturas caracterizaram-se pelo registro da cidade de São Paulo em um momento de urbanização da metrópole. Tal tema era recorrente entre os artistas do grupo, pois seus estudos em conjunto consistiam, muitas vezes, em passeios pelos bairros de São Paulo e pequenas viagens a cidades próximas do interior, usando essas experiências como temática para suas obras.



Aldo Bonadei
(São Paulo/SP,
1906-1974)
*Paisagem com
casas*, 1947
Óleo sobre tela



Danilo di Prete
(Pisa/Itália, 1911
– São Paulo/SP, 1985)
Praia, 1945.
Óleo sobre chapa
de compensado de madeira

O artista italiano Danilo Di Prete representa uma casa no litoral na obra “Praia”. A obra traz um ar intimista e uma atmosfera lúgubre, muito característica de sua produção na Itália, estilo que terá forte influência na produção paulista da época.

A artista mulher Wega Nery continua essa linha de paisagens com ecos das vanguardas europeias. Nery foi aluna de Samson Flexor no ateliê-abstração, que fez justamente o caminho da linguagem da figuração para a abstração. Sua composição “Freguesia do Ó”, figurativa, já contém elementos estilizados e geometrizes, aprendidos com as obras cubistas.

Kichizaemon Takahashi representou o cais Pharoux no Rio de Janeiro, em uma aquarela de pinceladas bastante expressivas. Aqui ele representa o grupo de artistas japoneses que foi bastante influente na São Paulo de meados no século XX. Ele foi um dos fundadores desse grupo, que trouxe a influência da leveza e expressividade da arte japonesa para terras paulistas.



Wega Nery
(Corumbá/MT, 1912 -
Guarujá/SP, 2007)
Freguesia do Ó, 1950
Óleo sobre tela



Kichizaemon Takahashi
(Miyasaki/Japão, 1908 –
São Paulo/SP, 1977)
Sem título, 1961
Aquarela sobre papel



José Antônio da Silva mostra a força da arte popular em “Chuva”. O desenho simples e a técnica com que representa os riscos com os quais a chuva modifica a paisagem trazem dinamismo e uma graça adicional à paisagem do campo, com seu colorido intenso, casinha, trator, trabalhadores e animais.



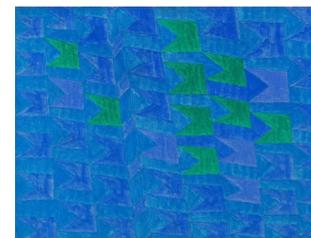
O ciclo chega ao abstracionismo com o italiano Alfredo Volpi, que começou sua carreira pintando paisagens com casas, para aos poucos passar pela geometrização da forma representando casas com bandeirinhas de festa junina em suas fachadas, para finalmente chegar apenas às formas das bandeirinhas em diversas combinações cromáticas, como essa em tons de azul e verde.

As paisagens perpassam toda a exposição e mostram campo e cidade, o emaranhado das grandes metrópoles, uma São Paulo forte, pulsante, cheia de edifícios e emaranhados de gente e fios e, ao mesmo tempo, a serenidade e a beleza do campo, com seus ciclos naturais. São exemplos disso “Semeadura” e “Colheita”, de Clóvis Graciano ou mesmo na extração e desmatamento, como nas “Perobeiras” de Benedito Calixto.

Clóvis Graciano
(Araras/SP, 1907- São Paulo/SP, 1988)

Semeadura, 1954
Óleo sobre tela

Colheita, 1959
Óleo sobre tela



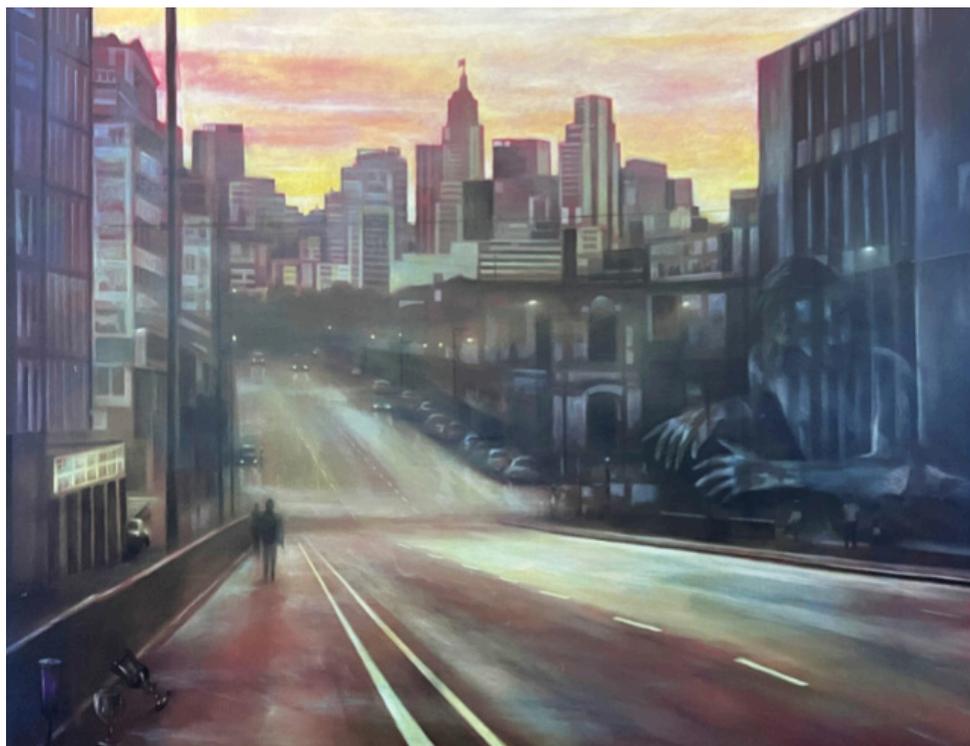
Alfredo Volpi (Lucca/Itália, 1896 –
São Paulo/SP, 1988)
Bandeirinhas, 1970
Óleo sobre tela



José Antônio da Silva
(Sales de Oliveira/SP, 1909-1996)
Chuva, 1966
Óleo sobre tela

A exposição e o tema são um convite para apreciar a paisagem, mas não só isso, é preciso pensar a paisagem e o território. O território define a ocupação que será feita daquele lugar? Ou o homem tem, na maioria das vezes, definido e modificado a paisagem às custas do meio ambiente?

As populações têm tido o direito de usufruir de seus territórios e de suas paisagens a contento? Os rios são despoluídos e neles podemos desfrutar momentos de lazer, usá-los para o transporte, ou dispor de seus peixes? E as populações quilombolas e indígenas têm conseguido seu direito à terra ou ainda têm conseguido manter-se sem ataques a soberania de seu povo e território? Como está a divisão das terras produtivas? Todos têm acesso à terra para produção de alimentos? Que tipos de cultivo são majoritários? Aqueles que garantem o sustento de todos os habitantes do nosso país ou o cultivo majoritário serve para exportação? Essas questões são fundamentais quando pensamos em terra e território e esperamos que sejam base para a reflexão de todos.



Gregório Gruber (Santos/SP, 1951) *Gasômetro*, 2004. Tinta acrílica sobre tela



Valdir Cruz (Guarapuava/PR, 1954)
Flamboyant, 2009
Pigmento sobre papel

Para esta atividade, vamos analisar duas obras de paisagem da exposição, a obra “Gasômetro”, de Gregório Gruber e a fotografia “Flamboyant” de Valdir Cruz.

Filho do artista plástico Mário Gruber, com quem teve seu primeiro contato com a arte, Gregório Gruber estudou desenho com Frederico Nasser, no Brasil e em Paris, frequentou a Académie de la Grande Chaumière, uma das grandes referências de escola de estudo de arte na França. Sua pintura apresenta inúmeras afinidades com a fotografia, utilizada, segundo ele, como esboço e parte do processo de criação. A cidade de São Paulo é seu tema de predileção, com seus grandes arranha-céus, ruas, avenidas e uma atmosfera de certa melancolia. Nesta obra, a região do Gasômetro é seu foco de

estudo e nela é possível identificar um dos cartões postais do centro da cidade, o Edifício Altino Arantes.

A pintura parece retratar o entardecer, com seus tons rosados. À esquerda, uma figura caminha solitária pela larga avenida. Neste mesmo canto, taças estão desenhadas num sentido enigmático, talvez evocando a vida boêmia que pulsa na capital paulista. Já à direita, temos a sombra de uma mulher, presença frugal e quase fantasmagórica que observa e vive a cidade.

Já o fotógrafo Valdir Cruz nasceu em Guarapuava em 1954 e começou seus estudos em fotografia de maneira autodidata, ou seja, aprendendo sozinho. Em Nova York, em 1983 graduou-se na Germain School of Photography, uma importante escola de fotografia.

Grande estudioso dos processos laboratoriais da impressão fotográfica, trabalhou realizando ampliações de imagens para mestres como Horst P. Horst e Edward Steichen, este sendo uma referência para seu estilo de fotografia documental, um tipo de fotografia que busca registrar acontecimentos, grupos populacionais, entre outros temas com certo viés jornalístico. De 1995 a 2000, fotografou “Faces of the Rainforest” (Faces da Floresta Tropical), um projeto

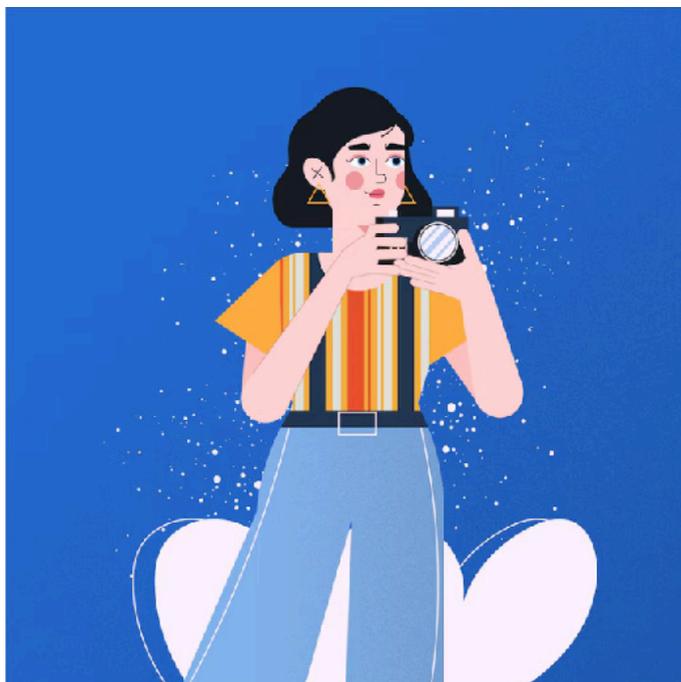
documentando a vida de dez grupos indígenas da região Amazônica, conquistando para a continuação desse trabalho, uma bolsa da Fundação Guggenheim.

No Palácio dos Bandeirantes, encontra-se a série “Árvores de São Paulo”, onde o artista capturou a beleza e a diversidade das árvores do Estado. Em “Flamboyant” o olhar do fotógrafo capta o contraste da árvore majestosa com as chaminés das fábricas que se erguem verticalmente, cuspidando fumaça ao fundo.

É interessante como em uma mesma paisagem os dois aspectos se misturam: natureza e cidade, natureza e produção humana.

Na verdade, quando aprendemos na escola que existem dois tipos de paisagem muito diferentes, a urbana e a rural, muitas vezes, passa batida a ideia de que em muitos lugares essas realidades podem se misturar. Há ainda nas cidades resquícios de natureza, refúgios onde é possível encontrar a paz de um

arvoredo ou de um bosque, um jardim cuidadosamente plantado, ou até mesmo uma horta comunitária, onde é possível colher alguns frutos, legumes e temperos, mesmo na mais densa metrópole. Existem ainda os jardins verticais, como os que dividem espaço com os grafites na Avenida 23 de maio, em São Paulo. A vida natural e a vida humana acontecem mesmo no concreto das cidades.



Freepick

É esse o desafio que queremos propor para você na atividade de hoje. Pensando no fotógrafo Valdir Cruz, com seu olhar aguçado para esses contrastes, e no pintor Gregório Gruber, que tem um grande amor por São Paulo e também se inspira na fotografia, vamos virar fotógrafos documentais!

Faça uma investigação no seu bairro com olhar atento. Existem locais onde cidade e natureza convivem no mesmo espaço? Existe um lugarzinho de refúgio natural onde você adora ir? Ou a sua família tem uma coleção de vasilhinhos de plantas espalhados pelo quintal ou pela sacada

do apartamento? Faça esse registro com seu celular! Você pode fazer duas fotografias, uma de uma área do seu bairro que você ache que é super urbana e outra que é um refúgio natural e fazer uma montagem com as duas imagens no seu celular. Ou ainda, você pode buscar essa mistura de paisagens num único clique e encontrar algo parecido com o que o Valdir Cruz fez! Faça várias fotografias e encontre a que mais te agradou! Chame os amigos para fazer essa investigação no bairro junto com você! Agora é só postar e marcar o @acervodospalacios para aparecer nas nossas redes sociais!



Antonio Henrique Amaral
(São Paulo/SP, 1935 - 2015)
São Paulo – Brasil;
criação, expansão
e desenvolvimento, 1989
Óleo sobre tela

No percurso da exposição você viu diversas árvores, plantas e flores espalhadas pelas paisagens pintadas por grandes artistas. Eu sei, muitas vezes, a gente não consegue nem identificar o nome daquela árvore, planta ou flor porque há muito tempo perdemos o contato com a natureza e com esses saberes naturais.

O artista Clóvis Graciano interessava-se pela pintura mural e seus temas de caráter popular, político e social. Afinado a esse pensamento, voltou-se para o povo comum e o trabalhador, muitas vezes do campo, produzindo obras em que a população brasileira em suas diversas atividades é o foco de sua atenção. Na obra “Colheita” ele mostra o trabalho de colher o algodão.

Antonio Henrique Amaral, artista contemporâneo, criou séries de pinturas temáticas, em que o foco eram bananas, bambus, a mata e a cidade estilizadas, que podiam ser interpretadas à luz da história brasileira. Na obra “São Paulo - Brasil: criação, expansão e desenvolvimento”, contou a história do estado e do país desde a chegada dos portugueses, passando pelos ciclos econômicos até chegar às cidades da atualidade. No aspecto da natureza local, podemos ver desde as folhagens da mata atlântica, com as bananas até a cana-de-açúcar e o café.



Clóvis Graciano Araras/SP, 1907
- São Paulo/SP, 1988
Colheita, 1954
Óleo sobre tela

Mas como vamos fazer agora para conhecer melhor a natureza que nos cerca? Que tal fazer um dicionário artístico de plantas? Antigamente esses dicionários eram muito comuns e se chamavam herbários. Neles havia o desenho de uma planta, ou a própria planta colada em um papel e do seu lado o nome e as propriedades que ela tinha. Por exemplo: poderia haver uma flor de camomila colada e, ao lado, seu nome e a explicação de como um chá de suas flores pode acalmar os ânimos, quando estamos muito estressados.

Mas vamos fazer algo um pouco diferente, ao invés de simplesmente colar a planta, o que traria a necessidade de fazer processos de conservação dessa plantinha pra ela não apodrecer e trazer fungos, vamos imprimir a planta como se ela fosse um carimbo. Sabia que esse é mais ou menos o método com o qual é feita a gravura?

Uma gravura pode ser feita com uma chapa de madeira com um desenho cavado, então ela se chama xilogravura (xilo=madeira, gravura=gravação). Ela também pode ser feita com uma chapa de metal e então ela se chama calcogravura, como a obra “Antropofagia”, da Tarsila do Amaral (calco=comprimir e gravura=gravação), ou ainda, pode ser feita em pedra, e então ela se chama litografia (lito=pedra e grafia=desenho).

Em todas essas gravuras o desenho feito sobre a matriz, seja ela de madeira, metal ou pedra, tem uma camada de tinta aplicada sobre ele e então, é prensado sobre um papel e o desenho aparece no papel.

Mão na massa



Freepick

Nós vamos fazer algo parecido, porém a nossa matriz vai ser a própria planta. Saia por aí coletando folhas e flores.

Pergunte para os seus colegas ou adultos se eles conhecem aquela planta para te dizer o nome, e,

caso eles não saibam, você pode tirar uma foto e fazer uma busca por imagem na internet.

Descobrimo o nome popular, o nome científico e as propriedades daquela planta, você pode escrever no caderno que você separou para ser o seu herbário. Depois disso é a hora da impressão.

Você vai precisar de uma almofada para carimbo na cor que você preferir. Pegue a sua plantinha e pressione sobre a almofada do carimbo de maneira uniforme para

que todo um lado dela fique preenchido pela tinta.

Retire a planta da almofada e delicadamente coloque sobre o seu herbário, na página onde escreveu as características dela. Limpe a sua mão e pegue algo reto e pesado para colocar em cima da planta para que o desenho dela fique impresso por igual na folha, e para que você não manche a folha com seus próprios dedos. Esse objeto liso e pesado por ser um livro.

Agora pegue o livro e retire a planta delicadamente

puxando por um dos lados. Pronto! Você vai ter a impressão dela perfeita no seu caderno.

Pode ser que as primeiras não fiquem muito boas, mas com o tempo você vai pegar a prática para pegar a maior quantidade de tinta, preencher por igual e pressionar da maneira correta. Você vai adorar fazer essa pesquisa científica!



Tico Canato
(Rafael Canato)
(Santo André/SP, 1983)
Cotidiano, 2024
Técnica mista
Coleção do artista

Tico Canato é um artista visual formado em Propaganda e Marketing. Em sua carreira trabalhou como designer para agências e também no mercado de moda, criando estampas para marcas de vestuário.

Morou um período Estados Unidos e desenvolveu sua técnica em grafitti, desenho e pintura, tendo realizado exposições em Miami, Nova York, Alemanha, Espanha e Peru. Hoje também promove um trabalho social com crianças e adolescentes em comunidades da cidade de São Paulo.

Iniciou sua carreira com arte urbana utilizando em suas obras distorções da figura humana. Seus personagens, chamados de “Ondi” lembram caveiras. Com essa maneira de representar as pessoas, ele elimina as diferenças, criando uma grande comunidade igualitária de “Ondis”, por baixo da roupa e da pele, somos todos formados de um esqueleto. Apesar disso, os olhos pequenos brilhantes e dentes grandes fazem a gente gostar deles. Na obra “Cotidiano”, o personagem da periferia carrega na cabeça suas origens, sua casa, mas “enterrou o peso morto” de seu passado, representado pela pá. O movimento, a luta e a esperança aparecem nas frases espalhadas na composição como “aprenda a sonhar”, “fábrica de sonhos”, “25 horas por dia” e “uma fé por dia”. Imagine como deve ser ter que trabalhar “25 horas por dia” para garantir o seu sustento? Será que é possível trabalhar mais do que cabe em um dia e sem descansar?

Inspirados pelo personagem criado por Tico Canato, que tal criar o seu próprio personagem? Pense em que tipo de corpo você quer dar para ele ou ela. As roupas são importantes!

Para o Tico, é a roupa que determina a história do personagem, onde ele mora e qual a história dele. Se você quiser representar um trabalhador, ele usa algum tipo de uniforme ou uma roupa específica como terno e gravata? E se for uma criança? É uma roupa de brincar, o uniforme da escola ou uma fantasia? Ele tem algum animalzinho de

estimação? Note que o Ondi tem um passarinho na mão esquerda.

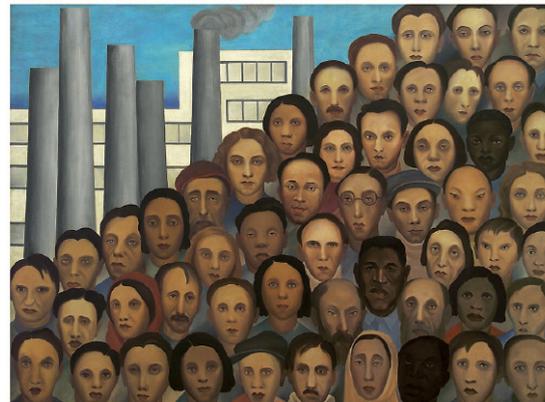
E o seu personagem? Pense principalmente em uma mensagem. Por meio dessa obra de arte, Tico Canato está falando sobre uma pessoa da periferia que trabalha muito e luta para sobreviver. As mensagens que ele quer passar também estão nas frases que ele espalha pela pintura. Existem vários temas importantes na atualidade pelos quais é preciso lutar e conscientizar outras pessoas para lutar com a gente. O seu personagem pode defender

o meio-ambiente, melhores escolas, mais espaços culturais na cidade, como parques e teatros, enfim, o que você achar importante! Porém tente deixar claro no seu desenho, qual é a sua mensagem, inclusive escrevendo!

Vamos lá?
Que tal criar o seu personagem usando tinta guache e canetinha? Para isso você vai precisar de pincel, guache de diversas cores, um papel de gramatura alta e uma caneta ou canetinha para escrever as frases e assinar sua produção.

Assim que você terminar esse personagem dê um nome para ele, assine seu quadro e poste nas redes sociais marcando a nossa página que é o @acervodospalacios. Vamos adorar conhecê-lo!

TRABALHO E O NECESSÁRIO DESCANSO



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 –
São Paulo/SP, 1973)
Operários, 1933
Óleo sobre tela

O último tema do título da exposição é o trabalho. Já passamos pelo povo, seu território e agora chegamos em como as pessoas modificam o território e a paisagem através do trabalho. Tudo o que não é natural é cultural, ou seja, é produzido pelas mãos da humanidade ou pelo seu intelecto.

Um dos estereótipos do Estado de São Paulo é que aqui é a terra do trabalho, é o estado que não dorme nunca, pois sempre tem algo acontecendo mesmo de noite, como um comércio aberto, uma opção cultural que vara a madrugada e por conseguinte, alguém trabalhando. Para que essa efervescência aconteça, há sempre um trabalhador por trás, colocando sua força de trabalho a serviço da sociedade.

Na exposição, a obra “Operários” de Tarsila do Amaral é que norteia o tema do trabalho. Nela os trabalhadores aparecem na frente de uma fábrica, com seus semblantes cansados refletindo qual era a situação do trabalhador na década de 1930. Ainda não havia a consolidação das leis do trabalho, regras que foram criadas apenas em 1943. Portanto, vários direitos trabalhistas ainda não existiam como a regulação das férias, jornadas mais humanas de trabalho, pagamento de décimo terceiro salário, entre outros.



Aliberto Baroni (São Paulo/SP, 1907-1994)
O descanso, 1960
Óleo sobre tela

Tarsila explicita essa situação nos rostos tão diversos de diferentes povos que para São Paulo vieram para trabalhar nas indústrias que estavam se fortalecendo naquele período. Um contraponto excelente para essa produção é a obra “Descanso” de Aliberto Baroni, de 1960. Quase trinta anos depois da tela de Tarsila, Baroni representa os trabalhadores ainda cansados, com feições abatidas e um deles dorme no canto direito da tela.

Trazendo seu foco para essa temática, Baroni passava horas observando os trabalhadores e os feirantes descarregando as carroças no Mercado Municipal de São Paulo. Tanto o tema como a estética do trabalho foram bastante abordados pelos artistas modernos e, nesta obra, Baroni procura retratar os trabalhadores não no momento da lida diária, mas no período de descanso, onde aparecem exaustos pela labuta. Eles são representados com olhar cabisbaixo e trajados de maneira humilde. Flertando com a temática de denúncia social, uma palavra escrita na parede ainda convoca os trabalhadores a agir democrática e conscientemente para melhorar sua situação, “Vote!”.



Flávia K.
(Feira de Santana/BA, 1975)
Deusa do Ébano
Ilê 00, 2017
Fotografia sobre papel

Para que haja o trabalho, o desenvolvimento e o crescimento das cidades é fundamental que haja o descanso proporcional. Dizem que o trabalho dignifica o homem, e realmente ele é muito importante para a vida em sociedade e para que cada um encontre sua maneira de atuar no mundo. Mas, é igualmente dignificante ter o direito de descansar, de aproveitar a vida, de estar no mundo apreciando a natureza, a cultura e a vida em família e sociedade.

É preciso valorizar o tempo de trabalho, mas também valorizar o descanso. Os filósofos dizem ser importantíssimo ter um momento de ócio criativo. Um momento em que não estamos fazendo nada e assim nossa mente pode divagar e criar coisas incríveis com a imaginação e que podem contribuir tanto para a cultura como para o trabalho.

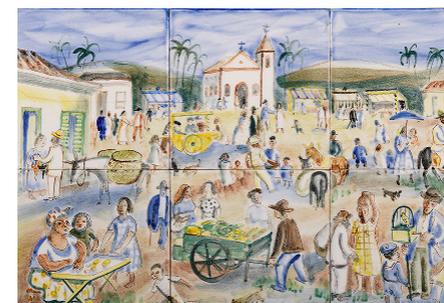


Djanira da Motta e Silva (Avaré/SP, 1914 –
Rio de Janeiro/RJ, 1979)
Festa do Divino em Parati, 1962
Óleo sobre madeira

Partindo desse pensamento, é nas horas de ócio e lazer que a humanidade criou inúmeras maneiras de se divertir e celebrar sua diversidade. Atrelado ao descanso está o núcleo de manifestações culturais e religiosas da exposição. Nele estão representadas as diversas festas, jogos e atividades com os quais nos divertimos. Esse tema também é muito valorizado pelos artistas, que podem abusar das cores e da alegria para representar tais tradições. Assim, podemos ver lindas composições como a “Festa do Divino em Parati”, de Djanira da Motta e Silva, o “Tênis” de Vicente do Rego Monteiro, a “Pracinha” de Alfredo Volpi e sua colega Hilde Weber e “Deusa do Ébano do Ilê 00”, fotografia de Flávia K. Momentos em que a vida pode pulsar por entre as manifestações culturais e religiosas.



Vicente do Rego Monteiro
(Recife/PE, 1899-1970)
O Tênis, 1928
Óleo sobre tela



Alfredo Volpi
(Lucca/Itália, 1896 – São Paulo/SP, 1988)
e Hilde Weber
(Waldau bei Kassel/Alemanha, 1913 -
São Paulo/Brasil, 1994)
Cena de vilarejo, dec. 1940-50
Pintura sobre azulejo

Operários do Século 21



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886
– São Paulo/SP, 1973)
Operários, 1933
Óleo sobre tela

Tarsila do Amaral é uma das principais artistas modernistas, não só do Brasil como internacionalmente, com obras que representam a brasilidade com cores e temas locais.

Em 1931, convidada por seu companheiro, o médico Osório César, fez uma viagem a União Soviética, curiosa por conhecer aquela sociedade tão

revolucionária com sua arte, intelectualidade e cultura. No seu retorno ao Brasil, depois de participar também de reuniões da esquerda política, Tarsila passou um mês na prisão em 1932. Essas experiências, e seu olhar atento à sociedade e aos desafios da classe operária brasileira no período, levaram a artista a pintar obras de cunho social, como “Operários” de 1933.

Nesta obra, ela representa o crescimento industrial, econômico e populacional de São Paulo, trazendo seja a paisagem urbana com suas estruturas fabris, que podemos ver nas chaminés imponentes no plano de fundo da obra, seja a sociedade em forma de pirâmide social, com fisionomias tão diferentes, representando a diversidade étnica com migrantes e imigrantes vindos de vários cantos do Brasil e do mundo e que hoje formam a população de São Paulo. Junto a esses personagens anônimos, Tarsila adicionou alguns de seus amigos, como o arquiteto Gregori Warchavchik; a cantora lírica Elsie Houston-Péret; o

administrador da fazenda de seu pai, Benedito Sampaio e a jornalista e escritora paraense, Eneida de Moraes, que esteve com ela em seu período na prisão. Olhe com atenção para esses rostos, você os consideraria felizes ou tristes? Animados ou cansados? Por que Tarsila escolheu representá-los dessa maneira? O quão extenuante era o trabalho nas fábricas no início do século XX? Seria essa obra uma crítica a situação dos trabalhadores ou um elogio ao trabalho e a diversidade paulista? As duas concepções são possíveis? Pense um pouco sobre isso enquanto admira essa obra fundamental da arte brasileira.

Mão na massa



Agora vamos pensar como seria se essa obra fosse feita no século XXI. Se olharmos para as cidades de hoje, temos ainda uma grande concentração de trabalhadores nas fábricas ou surgiram diferentes postos e tipos de trabalho?

Todos os trabalhadores são registrados em uma empresa ou prestam serviço de maneira terceirada como uma pessoa jurídica, funcionando como uma microempresa individual? E na informalidade, quais são os tipos de trabalho?

Quando pensamos em nomes de profissão, qual o nome da pessoa que vende café com leite e bolo próximo às estações de metrô? A maioria dos trabalhadores estão nas fábricas, no comércio, no setor de serviços ou nos trabalhos informais? Reflita um pouco sobre essas diferentes facetas do trabalho na atualidade e tente criar os “Operários” do Século XXI? Como eles estariam vestidos? Que paisagem substituiriam as fábricas no fundo da composição? Eles ainda estariam todos juntos lutando pelos mesmos

direitos ou haveria demandas diversas? Depois de refletir tente fazer um desenho que represente o trabalho de hoje. Você pode ser inspirar na Tarsila do Amaral, mas também está livre para criar algo totalmente diferente. Você pode escolher apenas uma profissão e seus desafios para representar, ou fazer uma série, uma profissão em cada desenho. Faça seus “Operários” do século XXI, fotografe e poste marcando o @acervodospalacios. Assim você e sua obra podem aparecer nas nossas redes sociais.



Helô Sanvoy
Eiro, 2024
Pó e lascas de pau-brasil,
cera de abelha, carvão
e lona de algodão cru
Coleção do artista

Helô Sanvoy é um artista negro que mora em São Paulo. Estudou Artes Visuais na Universidade Federal de Goiânia, e formou-se mestre em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo.

Sua produção busca a experimentação e a junção de materiais diversos, como também o estudo de processos, linguagens e suportes.

A poética de Helô Sanvoy parte da pesquisa sobre

os ciclos econômicos brasileiros, a começar pela extração do Pau-Brasil. Brasileiro era o nome dado ao trabalhador que retirava a madeira das matas. O sufixo EIRO/A em português denomina atividades de trabalho padeiro, borracheiro, cozinheira, costureira, entre outras. Ao construir uma pirâmide social que simultaneamente parece uma ampulheta, vislumbramos algo também sobre a passagem do tempo: desde a chegada dos primeiros colonizadores, somos trabalhadores pela própria natureza. Essa natureza que nos vem pelo primeiro trabalhador que extraia o pau-brasil, o brasileiro, é representada

na obra pelo uso de lascas e do pigmento do pau-brasil na construção da palavra central. A pirâmide pode ainda fazer referência à icônica obra “Operários” de Tarsila do Amaral, pertencente ao Acervo dos Palácios, onde os rostos dos trabalhadores formam a estrutura piramidal da sociedade. A pirâmide na base da obra, reproduz a pirâmide social tal qual ela existe: em baixo, estão os trabalhadores menos remunerados, porém muito mais numerosos, dando sustentação à estrutura do restante da pirâmide. Mas, na parte de cima, a situação se inverte, e estes mesmos trabalhadores aparecem no topo, sobre

os trabalhadores mais abastados.

Pensando nessa reflexão que o Helô Sanvoy fez a partir da palavra brasileiro, vamos continuar a pesquisa a partir da palavra paulista. O nome vem do santo católico Paulo, que convertido ao cristianismo passou a pregar a palavra de Jesus. É ele que dá nome ao nosso estado. Porém, o sufixo “ista” também está em uma série de profissões. E pensando que São Paulo carrega os estereótipos de “locomotiva do país” e “estado que nunca dorme” por causa do trabalho e do desenvolvimento econômico, vamos reconstruir essa obra partindo dessa vez do sufixo ISTA.

Pegue uma folha de papel Kraft ou pardo, uma caneta marcadora vermelha e uma preta. Escreva ISTA em vermelho e depois pense nas profissões terminadas em ISTA, tais como desenhista, florista, dentista etc. Pense também na melhor forma para organizar essas palavras no espaço. O Helô usou uma ampulheta, e você, que símbolo acha que poderia organizar esses trabalhadores?

Faça sua produção e mande para nós, marcando o @acervodospalacios nas redes sociais.

Para representar agora a parte do descanso e do lazer da exposição, a atividade proposta é mais lúdica.

Você conhece a brincadeira do **STOP** Nela uma letra é sorteada e você deve preencher uma série de categorias com palavras que comecem com aquela letra, quem terminar primeiro, grita **STOP** E todos param de escrever. Vence quem tiver mais pontos. Palavras exclusivas, que só você descobriu, valem 10 pontos.

Palavras repetidas valem 5 pontos. Isso você já sabe, mas vamos fazer um

STOP com os temas que abordamos na exposição “São Paulo: povo, terra e trabalho”?

Faça tudo como no **STOP** tradicional, porém os campos a serem preenchidos serão: profissão, cep no brasil, elementos da natureza, coisas da cidade, brincadeiras e festas. chame seus amigos e se divirta para valer! Esse é o seu momento de descanso e diversão!



Bibliografia

CAZUMBÁ, Meire;

BORDAS, Marie Ange.
Histórias da Cazumbinha.
São Paulo: Companhia das
letrinhas, 2010.

DIEGUES, Isabel (et al.)

Arte brasileira para crianças: 100 artistas
e atividades para você brincar.
São Paulo: Cobogó, 2016.

FAUSTO, Bóris.

História Concisa do Brasil.
São Paulo: Edusp, 2008.

GALL, Françoise Barbe.

Como falar de arte com
as crianças. São Paulo:
Martins Fontes, 2012.

LEITÃO, Miriam.

A perigosa vida dos passarinhos pequenos.
Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2013.

LIMA, Eduarda.

O Protesto.
São Paulo: Pequena Zahar, 2021.

MUNDURUKU, Daniel.

Crônicas de São Paulo: um olhar indígena.
São Paulo: Editora Callis, 2009.

PEDROSA, Adriano;

GIUFRIDA, Guilherme. (org.)
Histórias indígenas.
São Paulo: MASP, 2023.
Catálogo de exposição.
Abraham Cruzvillegas (cur.)

PIMENTA, João Paulo.

Formação da nação brasileira.
São Paulo: Contexto, 2024.

PRIORE, Mary Del.

Tarsila: uma vida doce amarga.
Rio de Janeiro:
José Olympio, 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos.

A terra dá, a terra quer.
São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING,

Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia.
São Paulo: Companhia das letras, 2015.

Governador

Tarcísio de Freitas

Secretário-chefe da Casa Civil

Arthur Lima

Secretário Executivo da Casa Civil

Fraide Barrêto Sales

Chefe de Gabinete da Casa Civil

Francisco Ronald Rocha Fernandes

EXPOSIÇÃO “SÃO PAULO: POVO, TERRA E TRABALHO”

Curadoria

Rachel Vallego

Assistência à Curadoria

Renata Rocco

Produção e Montagem

Rebeca Hindrikson

Denis Gorayeb

Gustavo Rosa

Rafael Celidônio Rodrigues

Victor Godoy

Apoio à montagem

2N Engenharia

Manuseio - Montagem e Produção Cultural

Conservação e Restauro

Adriana Pires

Pesquisa

Renata Rocco

Raquel Elena Ruiz

Documentação

Cláudio Lacerda Guerra

Comunicação

Carolina Macedo Guastaferrro

Andrea Pacheco Ferreira França

Comunicação Visual&Digital

Alessandra Laurenza

Impressão e Instalação

Select Color

Educativo

Raquel Elena Ruiz

Luciana Aparecida A. H. de Souza

Rafael Celidônio Rodrigues

Victor Godoy

Administrativo

Sybil Souza Pinto

Ricardo Negreiros Pires Ferreira

Rita Morais Bloisi

Sueli da Fonseca Costa

Palácio dos Bandeirantes

Av. Morumbi, 4.500

Morumbi, São Paulo - SP

CEP 05650-905

www.saopaulo.sp.gov.br

MATERIAL EDUCATIVO

“SÃO PAULO: POVO, TERRA E TRABALHO”

Textos e Atividades

Raquel Elena Ruiz

Edição

Renata Rocco

Luciana Aparecida A.H. de Souza

Revisão

Luciana Aparecida A.H. de Souza

Rafael Celidônio Rodrigues

Projeto Gráfico e Diagramação

Alessandra Laurenza

São Paulo: Povo, Terra e Trabalho

Curadoria: Rachel Vallego

Data de abertura: 22 de Abril 2024

Palácio dos Bandeirantes, São Paulo